

AMAMENTAÇÃO: ENTRE O DELEITE DO BEBÊ E A ESCOLHA MATERNA

[\[ver artigo online\]](#)

Ludmila Tavares Costa-Ercolin¹

Débora Cristine Silva Farias²

Elayne Cristina Felix Rangel-Marinho³

Olga Carpi-Souza⁴

Rosely Perrone⁵

RESUMO

Os estudos apontam benefícios a curto e a longo prazo, sejam do ponto de vista orgânico, psíquico e socioeconômico. Ao mesmo tempo, a amamentação é uma ação favorável ao laço mãe-bebê, visto que, antes mesmo de sugar o leite, o bebê alimenta-se do deleite. Na perspectiva do bebê, o aleitamento está associado à função materna, que envolve uma maternagem implicada e um adulto responsivo. Por outro lado, amamentar parece estar relacionada à escolha materna, fundamentada em fatores psicoafetivos, socioculturais, morais e/ou religiosos. Além disso, mesmo que algumas mães compreendam a importância da amamentação, podem surgir sentimentos ambivalentes e conflitos inconscientes, que geram dificuldades na amamentação, inclusive levando ao fracasso. Trata-se de uma pesquisa narrativa que investiga o efeito estruturante da amamentação na função materna e na constituição do sujeito e das questões relacionadas à escolha materna para amamentar. Os resultados indicam que a amamentação é um desafio tanto para a mãe quanto para o bebê. Para o bebê, a amamentação concebe um encontro entre o desenvolvimento corporal e a estruturação subjetiva, enquanto para a mãe, a escolha para amamentar parece estar associada a uma pluralidade de sentimentos, além de questões que vão desde sua própria história constitutiva até o momento vivido, cujo processo é atravessado por fatores psicoafetivos, socioculturais, morais e/ou religiosos. Assim, as questões relacionadas à amamentação estão para além do orgânico e os profissionais que assistem às famílias precisam considerar a subjetividade desta mãe e deste bebê.

Palavras-chave: Amamentação; Lactente; Desenvolvimento infantil.

¹ Odontóloga, Doutora em Saúde Pública, Especialista em Aleitamento Materno e Cuidado Materno-Infantil, Consultora Internacional em Lactação pelo IBLCE, Piracicaba/SP, ludtavares@yahoo.com.br.

² Consultora em Amamentação, Enfermeira, Pós Graduada em Gestão em Saúde, Especializanda em Aleitamento Materno, Founder da Lotus Materno Infantil, São Paulo/ SP, debora.farias@lotusmi.com.br

³ Enfermeira e Técnica em Enfermagem, Graduação em Enfermagem, Especializanda em Aleitamento Materno, Mestranda em Saúde da Mulher, Secretaria de Saúde do Distrito Federal, Brasília/ DF, enfermeiraelaynerangel@gmail.com.

⁴ Consultora em Amamentação, Enfermeira, MBA em Administração de Marketing e Comunicação Empresarial, Especializanda em Aleitamento Materno e Aconselhamento em Amamentação, Founder da Amamente Mais Soluções, Rio de Janeiro/ RJ, carpi.olga@gmail.com.

⁵ Psicóloga, Mestre em Psicologia da Saúde, Doutoranda em Psicologia Clínica na Universidade de Lisboa, Lisboa/Portugal, roseprandi@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

A amamentação tem sido tema de interesse de inúmeros estudos nos últimos anos. Por um lado, em função de se observar porque o panorama mundial de aleitamento materno exclusivo ainda é de baixa prevalência e, por outro, pela união entre as políticas de saúde pública e privada, visando encontrar estratégias para o sucesso dessa prática e pontuar suas vantagens (VICTORA *et. al.*, 2016).

O leite materno é reconhecido como o alimento ideal para recém-nascidos, constatando-se benefícios orgânicos, psíquicos e socioeconômicos para a criança, a mãe e a família. A *World Health Organization* (WHO) recomenda-o em exclusivo nos primeiros seis meses de vida e a sua manutenção, sempre que possível, até aos dois anos de idade (WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO], 2001, 2020).

Os estudos que acompanharam recém-nascidos até à idade adulta indicam que a dieta com leite materno aponta benefícios a curto e a longo prazo (AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS [AAP], 2012; APRILE, FERBAUM, ANDREASSA, & LEONE, 2010; CORPELEIJN, VERMEULEN, VLIET, KRUGER, & VAN GOUDOEVEER, 2010; LANARI, VALIN, NATALE, CAPRETTI & SERRA, 2012, VICTORA *et. al.*, 2016).

Quanto às mães, pesquisas relatam menor perda de sangue no pós-parto, cicatrização mais rápida do útero e retorno ao seu tamanho original, menor peso, maior ligação mãe-bebê, menores taxas de depressão pós-parto, entre outros (AAP, 2012; COSSEY, JEURISSEN, THELISSEN, VANHOLE & SHUERMAN, 2011).

Além dos benefícios de saúde para o bebê e para a mãe, uma alimentação exclusiva de leite materno resulta na redução de custos para a família e sociedade, na diminuição de complicações orgânicas e cirúrgicas, de hospitalizações prolongadas, no uso de medicações, na economia de recursos hospitalares e na diminuição da taxa de mortalidade infantil (APA, 2012; GANAPATHY, HAY, & KIM, 2012).

Embora a literatura mostre a importância da amamentação não apenas para a díade mãe-bebê, mas também para todo o ciclo de vida humano, destoando da idealização de que a amamentação é uma tarefa fácil, os índices se mantêm em níveis insuficientes para atingir as metas mundiais em termos nutricionais (WHO, 2020).

No entanto, as evidências conclusivas quanto à importância do leite materno e da amamentação exclusiva, muitas vezes, movem profissionais no sentido da insistência dessa prática, ainda que a mãe não esteja decidida e/ou não se sinta preparada para isso.

Ao mesmo tempo, como resultado da crença de que a amamentação é uma atribuição materna que deve ser cumprida, verifica-se, muitas vezes, momentos de desarmonia e sofrimento, que podem gerar sérias implicações na interação mãe-bebê (FELICIANO & SOUZA, 2011).

Do ponto de vista materno, o sucesso da amamentação exclusiva está associado a fatores sociodemográficos e socioculturais, incluindo a idade, o *status* socioeconômico, a educação e o conhecimento sobre amamentação, entre outros (BARGE & CARVALHO, 2011; HARRISON, FLETCHER-GROVES, GORDON-STRACHAN & THAME, 2015).

Sob a ótica do bebê, a amamentação está relacionada à maternagem, ou seja, à interação com o outro que se ocupa de seus cuidados (PARLATO-OLIVEIRA & COHEN, 2017).

Dessa forma, o objetivo deste estudo foi investigar o efeito estruturante da amamentação na constituição da subjetividade do bebê e as razões associadas à escolha materna para amamentar.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão narrativa, oportuno para discutir o estado da arte do tema escolhido, constituindo-se por uma análise da literatura, sem determinar uma metodologia rigorosa no que se refere à reprodução de dados e respostas quantitativas para questões específicas (VOSGERAU & ROMANOWSK, 2014). Contudo, é relevante para a atualização do conhecimento sobre a temática, evidenciando novos saberes, que vêm ganhando destaque na literatura (ELIAS *et. al.*, 2012).

Por ser uma análise bibliográfica acerca da importância da amamentação na função materna e na constituição do sujeito e das questões relacionadas à escolha materna para amamentar, foi realizada uma pesquisa de artigos indexados nas bases de dados Medline por PubMed, Lilacs e Scielo por BVS e COCHRANE, durante os meses de abril e maio, tendo como período de referência entre 1991-2021. Foram também examinados livros que abordam o tema e fornecem outros dados.

Foram utilizados os descritores: “amamentação”, “aleitamento materno”, “escolha materna”, “constituição psíquica” isolados ou de forma combinada. O critério utilizado para inclusão das publicações foi ter as expressões utilizadas nas buscas no título ou palavras-chave, ou ainda ter explícito no resumo que o artigo se relaciona à temática deste estudo. Foram incluídas fontes de informações bibliográficas e eletrônicas nas línguas Portuguesa, Inglesa, Espanhola e Francesa.

Foi realizada, inicialmente, a leitura dos títulos e resumos da literatura selecionada, seguida pela leitura completa dos textos, livros e capítulos.

Considerando o reduzido número de investigações existentes na literatura que abordam o efeito estruturante da amamentação na função materna e na constituição do sujeito e das questões relacionadas à escolha materna para amamentar, como base de análise dos textos, buscou-se classificar pela especificidade da amostragem, dispondo-os em dois grupos: os que abordam as questões maternas e os que retratam o processo do bebê. A partir daí, analisou-se a fundamentação teórica do estudo e os dados gerais dos artigos: ano de publicação, língua, objetivo, metodologia, resultados obtidos e discussão. No caso de livros, foi seguido o mesmo sistema de análise, sendo excluídos os itens inexistentes. Não foram utilizadas técnicas qualitativas e/ou quantitativas específicas de tratamento de dados, sendo feita a análise de cada um dos textos selecionados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da literatura selecionada, foi possível observar que os resultados dos estudos indicam que a amamentação é um desafio tanto para a mãe quanto para o bebê. Nesse sentido, a amamentação e, inclusive o desmame, englobam questões que estão além da conscientização e da informação.

Para compreender as barreiras à amamentação, além de investigar a posição socioeconômica e a paridade no início e na manutenção da amamentação por pelo menos seis meses, uma investigação prospectiva foi realizada na Austrália, com 4.777 mulheres nascidas entre 1973-1978. Os resultados revelaram que quanto maior o nível de educação da mulher, maior será a probabilidade de ela amamentar seu bebê durante os seis meses recomendados pela WHO. A pesquisa indicou também, que quando se trata do filho mais novo da família, muitas

vezes, esse bebê deixa de ser amamentado, independentemente do nível de educação de sua mãe (HOLLOWKO *et. al.*, 2016).

Um estudo transversal com 200 mulheres foi desenvolvido em 2015, na Jamaica, com os objetivos de elucidar os fatores que influenciam as mães na amamentação exclusiva, incluindo as intenções pré-natais de amamentar, o conhecimento dessas mulheres sobre os benefícios da amamentação e as práticas de alimentação infantil. Foi utilizado um questionário composto por 52 itens, que incluiu dados sociodemográficos, conhecimentos, atitudes e práticas sobre a amamentação e foi aplicado por um entrevistador às mães durante a consulta clínica pós-natal de seis semanas. Os resultados apontaram que fatores sociodemográficos, como a idade materna e o nível socioeconômico, além de sessões de amamentação pré e pós-natal, não afetam significativamente a manutenção do aleitamento exclusivo seis semanas após o parto. Por outro lado, a crença de que a amamentação era capaz de garantir o bebê saciado foi o único fator significativo associado (HARRISON, FLETCHER-GROVES, GORDON-STRACHAN & THAME, 2015).

Uma outra pesquisa realizada com 562 mulheres em 2007, na Austrália, que teve como objetivo delinear quais as razões para que as mulheres australianas amamentam, além de identificar os preditores para essas razões e os fatores que influenciam a decisão de uma mulher de amamentar indicou que o motivo mais comum que as mulheres deram para decidir amamentar foi que o leite materno é melhor para o meu bebê (95,5%). Motivos relacionados à mãe como amamentar é mais conveniente (84,3%) também foram populares. Quatro componentes significativos foram determinados após a análise dos componentes principais: razões relacionadas à mãe, efeitos sobre a saúde do bebê, influências morais e familiares e conselhos de outras pessoas. Este estudo mostrou que, assim como os benefícios para a saúde do bebê, a conveniência e outras razões relacionadas à mãe parecem ser fatores importantes na decisão de uma mulher de amamentar (BRODRIDD, FALLON, HEGNEY & O'BRIEN, 2007).

Um estudo transversal que realizado em 1994 comparou 100 puérperas que amamentavam com 100 puérperas que não amamentavam, a fim de investigar a relação entre a escolha materna de amamentar e o apoio de profissionais de saúde e leigos, levando em consideração influências de fatores sociodemográficos. Foi também investigada a opinião dos parceiros sobre a amamentação. Os resultados evidenciaram que a atitude favorável do parceiro foi o fator mais importante associado à escolha de amamentar. A frequência às aulas de pré-

natal e o apoio, ainda que por leigos, aumentaram as chances da mulher escolher amamentar em 2,7-3,3 vezes, respectivamente. As orientações sobre amamentação fornecidas por profissionais da saúde não apareceram associadas à decisão materna de amamentar. Nesse sentido, os resultados sinalizaram para a necessidade de uma reavaliação das intervenções de cuidado pré-natal e, ao mesmo tempo, a inclusão dos pais em programas acerca da amamentação (GIUGLIANI, CAIAFFA & VOGELHUT, 1994).

O bebê e seu leite

Ao nascer, o bebê necessita da presença de um outro cuidador que exerça por ele a função materna (PARLATO-OLIVEIRA & COHEN, 2017). O nascimento constitui-se em um reencontro dele com o outro, com quem já havia se encontrado de várias formas, ainda em ambiente uterino. Olhar para a mãe é um reencontro, assim também a escuta da voz materna, o sentir-se carregado e embalado. Enfim, o bebê irá se reaver muitas vezes com sua mãe (CATÃO, 2009).

As competências desse bebê apontam que ele é ativo no estabelecimento do laço materno, desde sempre (PARLATO-OLIVEIRA, 2019; TREVARTHEN, 2017, 2019). Ele busca a interação mais do que o leite da mãe.

Esse bebê se constitui no laço, sendo que, nesse processo, a amamentação tem uma função valiosa para sua constituição enquanto sujeito. Muito além da nutrição, a amamentação envolve uma comunicação multimodal que gera deleite a esse bebê: o toque, o olhar, o colo, o manê e tantas outras expressões de linguagem laçam e enlaçam o duo mãe-bebê na hora do aleitamento. Nesse momento, o bebê não suga apenas o leite, ele suga a voz, o olhar e o toque da mãe e aceita a alienação proposta por ela. É essa maternagem implicada que permite a constituição subjetiva desse bebê, que participa ativamente da interação, caracterizando-se em mão dupla (PARLATO-OLIVEIRA, 2019; TREVARTHEN, 2017, 2019).

Dessa forma, há uma troca interativa prazerosa, onde apenas o leite não basta, pois para o bebê não se trata da ordem da necessidade, mas sim do deleite. O prazer vem do abrir e fechar a boca, de abocanhar e largar o bico do seio materno, de se enxergar nos olhos da mãe (COUVERT, 2020).

A amamentação proporciona ao bebê a possibilidade de estabelecer os três tempos do circuito pulsional, quer dizer, ele vai em direção ao seio materno, desloca o próprio corpo

encontrando satisfação e gera prazer na mãe em amamentá-lo (COUVERT, 2020). Nesse sentido, o bebê é um sujeito ativo, sensível e criativo e, ao mesmo tempo, provoca mudança no outro. Muitas vezes, ele assume a liderança da interação, combinando ritmos e ludicidade (TREVARTHEN, 2017). E segue nesse caminho.

A escolha materna

A experiência de gestar um bebê inaugura um momento importante no ciclo vital da mulher, com grandes repercussões. Durante a gestação e após o nascimento, a mulher passa por um processo de conhecimento de novos padrões de interação e, conseqüentemente, uma reestruturação do ponto de vista orgânico, psíquico e social, em função da chegada de um filho.

A gravidez ecoa a vida anterior da mulher e suas experiências, possibilitando a elaboração de conflitos de separação e a resolução de relações simbióticas originais, permitindo a individuação. Esse processo gera ambivalência, não apenas pela perda de uma posição infantil, mas também pela passagem da posição de filha para mãe (FERRARI, PICININI & LOPES, 2007). Essas mudanças e transformações fornecem um novo funcionamento para a mulher: a maternidade. O processo adaptativo é inevitável e não tem retorno (GOLSE, 2007).

Durante a gestação, a mulher elabora uma representação da função materna e, simultaneamente, cria uma representação do seu bebê, a partir de uma reavaliação da relação que estabeleceu com a sua própria mãe, no sentido da criação de um espaço de ação necessário aos cuidados e à interação com seu bebê (STERN & BRUSCHWEILLER-STERN, 2005).

Dessa forma, para o bebê, a amamentação concebe um encontro entre o desenvolvimento corporal e a estruturação subjetiva, enquanto para a mãe, a escolha para amamentar parece estar associada a uma pluralidade de sentimentos, além de questões que vão desde sua própria história constitutiva até o momento vivido, cujo processo é atravessado por fatores psicoafetivos, socioculturais, educacionais, morais e/ou religiosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões relacionadas à amamentação estão para além do orgânico e para que a escolha da mãe e, também, do bebê sejam respeitadas nesse processo, os profissionais que assistem às famílias precisam considerar a subjetividade desta mãe e deste bebê.

REFERÊNCIAS

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. Breastfeeding and the use of human milk. **Pediatrics**, Illinois, v. 129, n. 3, p. 827-841, 2012.

APRILE, M. M.; FEFERBAUM, R.; ANDREASSA, N.; LEONE, C. Growth of very low birth weight infants fed with milk from a human milk bank selected according to the caloric and protein value. **Clinics**, São Paulo, v. 65, n. 8, p. 751-756, 2010. DOI: 10.1590/S1807-59322010000800003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/clin/a/3cgGpLmbtg5Zb6697r5pTzz/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 29 jun. 2022.

BARGE, S.; CARVALHO, M. Prevalência e fatores condicionantes do aleitamento materno - Estudo ALMAT. **Revista Portuguesa de Clínica Geral**, Lisboa, v. 27, n.6, p. 518-525, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpcg/v27n6/v27n6a06.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2022.

BRODRIDD, W., *et al.* Identifying predictors of the reasons women give for choosing to breastfeed. **Journal of Human Lactation**, Ilford, v. 23, n. 4, p. 338-344, 2007.

CATÃO, I. **O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo**. São Paulo: Instituto Langage, 2009.

CORPELEIJN, W. E. *et al.* Human milk banking-facts and issues to resolve. **Nutrients**, Basel, v. 2, p. 762-769, 2010. DOI: 10.3390/nu2070762. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3257677/pdf/nutrients-02-00762.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

COSSEY, V. *et al.* Expressed breast milk on a neonatal unit: a hazard analysis and critical control points approach. **American Journal of Infection Control**, Columbia, v. 39, n. 10, p. 832-838, 2011.

COUVERT, M. **A clínica pulsional do bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2020.

ELIAS, C. S. R. *et al.* Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. **SMAD: Revista Eletrônica Saúde Mental**,

Álcool e Drogas, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 48-53, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/49594/53669>. Acesso em: 28 jun. 2022.

FELICIANO, D. S.; SOUZA, A. S. L. Para além do seio: uma proposta de intervenção psicanalítica pais-bebê a partir de dificuldades na amamentação. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 44, n. 81, p. 145-161, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v44n81/v44n81a12.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2022

FERRARI, A. G.; PICCININI, C. A.; LOPES, R. S. O bebê imaginado na gestação: aspectos teóricos e empíricos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 305-313, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/XFyR94p8sZdPzLBzmwrZXqd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2022.

GANAPATHY, V.; HAY, J. W.; Kim, J. H. Costs of necrotizing enterocolitis and cost effectiveness of exclusively human milk-based products in feeding extremely premature infants. **Breastfeeding Medicine**, New York, v. 7, n. 1, p. 29-37, 2012. DOI: 10.1089/bfm.2011.0002. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/pdf/10.1089/bfm.2011.0002>. Acesso em 30 jun. 2022.

GIUGLIANI, E. R. J.; CAIAFFA, W. T.; VOGELHUT, J. Effect of breastfeeding support from different sources on mothers' decisions to breastfeed. **Journal of Human Lactation**, New York, v.10, n. 3, p. 157-161, 1994.

GOLSE, B. **O ser-bebê**. Lisboa: Climepsi, 2007.

HARRISON, A.; FLETCHER-GROVES, S.; GORDON-STRACHAN, G.; THAME, M. Factors affecting the choice and desire to exclusively breastfeed in Jamaica: a cross-sectional study at 6 weeks postpartum. **Journal of Human Lactation**, New York, v.32, n. 2, p. 292-300, 2015.

HOLLOWKO, N. *et al.* High education and increased parity are associated with breast-feeding initiation and duration among australian women. **Public Health Nutrition**, Cambridge, v. 19, n. 14, 2551-2561, 2016. DOI: 10.1017/S1368980016000367. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/68A196F6B55FDE9D10319905FCF442E0/S1368980016000367a.pdf/hig>

h-education-and-increased-parity-are-associated-with-breast-feeding-initiation-and-duration-among-australian-women.pdf. Acesso em: 03 jul. 2022

LANARI, M. *et al.* Human Milk, a concrete risk of infection? **The Journal of Maternal Fetal and Neonatal Medicine**, London, v. 25, n. 4, p. 67-69, 2012.

PARLATO-OLIVEIRA, E.; COHEN, D. **O bebê e o outro**. São Paulo: Instituto Langage, 2017.

PARLATO-OLIVEIRA, E. **Saberes do Bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

STERN, D. N.; BRUSCHWEILLER-STERN, N. **O nascimento de uma mãe**. Porto: Ambar, 2005.

TREVARTHEN, C. Maternal voice and communicative musicality: sharing the meaning of life from before birth. *In*: FILIPPA, M.; KUHN, P.; WESTRUP, B. (Eds.). **Early vocal contact and preterm infant brain development: bridging the gaps between research and practice**. Cham: Springer, 2017. p. 3-23.

TREVARTHEN, C. **O bebê nosso professor**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

VICTORA, C. G. *et al.* Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. **The Lancet**, London, v. 387, n. 10017, p. 475-490, 2016. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2815%2901024-7>. Acesso em: 01 jul. 2022.

VOSGERAU, D. S. A. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista de Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014. Disponível em: periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2317/2233. Acesso em: 25 jun. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The optimal duration of exclusive breastfeeding: report of an expert consultation**. 2001. Disponível em: http://www.who.int/nutrition/publications/infantfeeding/WHO_NHD_01.09/en. Acesso em: 01 jul. 2022

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Alimentación del lactante y del niño pequeño**. 2020. Disponível em: www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/infant-and-young-child-feeding. Acesso em: 01 jul. 2022.